

## IV

## O MÉDICO ESPIRITUAL

No dia imediato, após reparador e profundo repouso, experimentei a bênção radiosa do sól amigo, qual suave mensagem ao coração. Claridade reconfortante atravessava ampla janela, inundando o recinto de cariciosa luz. Sentia-me outro. Energias novas tocavam-me o íntimo. Tinha a impressão de sorver a alegria da vida, a longos haustos. Nalma, apenas um ponto sombrio — a saudade do lar, o apôgo à família, que ficara distante. Numerosas interrogações pairavam-me na mente, mas tão grande era a sensação de alívio, que sossegava o espírito, longe de qualquer interpelação.

Quis levantar-me, gozar o espetáculo da natureza cheia de brisas e de luz, mas não o consegui e conclui que, sem a cooperação magnética do enfermeiro, tornava-se-me impossível deixar o leito.

Não voltara a mim das surpresas consecutivas, quando se abriu a porta e vi entrar Clarcencio acompanhado por simpático desconhecido. Cumprimentaram, atenciosos, desejando-me paz. Meu benfeitor da véspera indagou do meu estado geral. Acorreu o enfermeiro, prestando informações.

Sorridente, o velhinho amigo apresentou-me o companheiro. Tratava-se, disse, do irmão Henrique de Luna, do Serviço de Assistência Médica da Colonia espiritual. Trajado de branco, traços fisionómicos irradiando enorme simpatia, Henrique auscultou-me demoradamente, sorriu e explicou:

— E' de lamentar que tenha vindo pelo suicídio. Enquanto Clarcencio permanecia sereno, senti que singular assomo de revolta me borbulhava no íntimo.

Suicídio? Recordei as acusações dos sérates perversos, das sombras. Não obstante o cabedal de gratidão que começava a acumular, não calei a incriminação.

— Creio haja engano — asseverei melindrado — meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei, mais de quarenta dias, na casa da saúde, tentando vencer à morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal...

— Sim — esclareceu o médico, demonstrando a mesma serenidade superior — mas a oclusão radicava-se em causas profundas. Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo.

E inclinando-se, atencioso, indicava determinados pontos do meu corpo:

— Vejamos a zona intestinal — exclamou — a oclusão derivava de elementos cancerosos, e estes, por sua vez, de algumas leviandades do meu estimado irmão, no campo da sífilis. A molestia talvez não assumisse características tão graves, se o seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Entretanto, seu modo especial de conviver, muita vez, exasperado e sombrio, captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam. Nunca imaginou que a cólera fosse manancial de forças negativas para nós mesmos? A ausência de auto domínio, a inadvertência no trato com os semelhantes, nos quais muitas vezes ofendeu sem refletir, conduziam-no, frequentemente, à esfera dos sérates doentes e retrógrados. Tal circunstância agravou, de muito, o seu estado físico.

Depois de longa pausa, em que me examinava atentamente, continuou:

— Já observou, meu amigo, que seu figado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos com terrível menosprezo às dádivas sagradas?

Singular desapontamento invadiu-me o coração. Pa-

recendo desconhecer a angústia que me oprimia, continuava o médico esclarecendo:

— Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os designios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, escondendo patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou. Todo o sistema gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável.

Meditei nos problemas dos caminhos humanos, refletindo nas oportunidades perdidas. Na vida humana, conseguia ajustar numerosas máscaras ao rosto, talhando-as conforme as situações. Aliás, não poderia supor, noutro tempo, que me seriam pedidas contas de episódios simples, que costumava considerar como fatos sem maior significação. Conceituara, até ali, os erros humanos, seguindo os preceitos da criminologia. Todo acontecimento insignificante, estranho aos códigos, entraria na relação de fenômenos naturais. Deparava-se-me porém, agora, outro sistema de verificação das faltas cometidas. Não me defrontavam tribunais de tortura, nem me surpreendiam abismos infernais; contudo, benfeiteiros sorridentes comentavam-me as fraquezas como quem cuida uma criança desorientada, longe das vistas paternas. Aquele interesse espontâneo, contudo, feria-me a vaidade de homem. Talvez que, visitado por figuras diabólicas a me torturarem, de tridente nas mãos, encontrasse forças para tornar a derrota menos amarga. Todavia, a bondade exuberante de Clarcencio, a inflexão de ternura do médico, a calma fraternal do enfermeiro, penetravam-me fundo o espírito. Não me dilacerava o desejo de reação; doía-me a vergonha. E chorei. Rosto entre as mãos, qual menino contrariado e infeliz, pús-me a soluçar com a dor que me parecia irremediável. Não havia como discordar. Henrique de Luna falava com sobejas razões. Por fim, abandonando os impulsos vaidosos, reconheci a extensão de mi-

nhas levianezes de outros tempos. A falsa noção da dignidade pessoal cedia terreno à justiça. Perante minha visão espiritual, só existia, agora, uma realidade torturante: era verdadeiramente um suicida, perdera o ensejo precioso da experiência humana, não passava de naufrago a quem se recolhia por caridade.

Foi então que o generoso Clarcencio sentando-se no leito, a meu lado, afagou-me paternalmente os cabelos e falou comovido:

— Oh! meu filho, não te lastimes tanto. Busquei-te atendendo à intercessão dos que te amam, dos pianos mais altos. Tuas lágrimas atingem seus corações. Não desejas ser grato, mantendo-te tranquilo no exame das próprias faltas? Na verdade, tua posição é a do suicida inconsciente; mas é necessário reconhecer que centenas de criaturas se ausentam, diariamente da Terra, nas mesmas condições. Acalma-te, pois. Aproveita os tesouros do arrependimento, guarda a bênção do remorso, embora tardio, sem esquecer que a aflição não resolve problemas. Confia no Senhor e em nossa dedicação fraternal. Sossega a alma perturbada, porque muitos de nós outros já perambulamos, igualmente, nos teus caminhos.

Ante a generosidade que transbordava dessas palavras, mergulhei a cabeça em seu colo paternal e chorei longamente.